

Protesto ecologista: "gotas de sangue" no Congresso.

10 DEZ 1987

JORNAL DA TARDE

As lideranças das principais entidades filiadas à Frente Nacional de Ação Ecológica na Constituinte receberam ontem à tarde do presidente da Assembléia Nacional Constituinte a promessa formal de que suas reivindicações serão contempladas na futura Constituição do País. Por via das dúvidas, os líderes oriundos de quase todas as regiões brasileiras percorreram os gabinetes dos deputados de seus Estados e territórios. E acabaram tingindo a cúpula do Congresso com balões em forma de gotas de sangue, numa manifestação pró-gerenciamento costeiro.

O encontro dos ambientalistas e pesquisadores (a Frente conta com o apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) começou logo cedo, no auditório Petrólio Portela, quando o coordenador da Frente, constituinte Fábio Feldmann, relatou os avanços e recuos da Constituinte na questão ambiental. O deputado Raimundo Bezerra, um médico cearense, historiou as atividades dos constituintes que integram o movimento (cerca de trinta, de todos os partidos).

Os 500 visitantes souberam que há um lobby de militares contrário à aprovação de uma emenda proibindo a fabricação da bomba atômica no Brasil. E Feldmann lembrou uma conversa com o ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, em que este "disse-me muito sério que a bomba nuclear era um instrumento de paz...".

Depois do encontro matinal, houve a visita aos deputados dos estados ali representados, e às 14 horas todos voltaram a encontrar-se, desta vez no auditório Nereu Ramos. Fábio Feldmann pediu a todos que pressionem para mudar o capítulo referen-

te às populações indígenas ("que está muito ruim e nós precisamos alterar isso"), que segundo ele "abre as terras indígenas à exploração do subsolo por grupos estatais e privados, o que, além de empobrecer esses povos vai levar a destruição aos rios, matas e outros recursos de que o índio necessita para viver com dignidade. Sem essa pressão, a nova Constituição representará um retrocesso nesse setor".

A jornalista Priscila Siqueira, de O Estado e JT, falou sobre a poluição de Cubatão, sobre a destruição da Serra do Mar e precisou que em Fortaleza de cada mil nascimentos 200 crianças morrem antes de completar um ano de vida, por desnutrição; e que ali vivem 1,4 milhão de habitantes sitiados por sete milhões de ratos. Representando o Movimento de Preservação de São Sebastião, Siqueira criticou as más condições de vida nos centros urbanos brasileiros.

Os pesquisadores científicos externaram suas preocupações em torno da questão do gerenciamento costeiro do País: o anteprojeto recém-encaminhado ao Congresso Nacional pelos ministérios da Marinha e Desenvolvimento Urbano é muito vago sobre quem deve proteger especificamente o litoral — um órgão novo? — além de dispersar a responsabilidade pelo assunto entre os governos federal, estadual e municipal. E não esconderam sua desconfiança em relação ao Ministério da Marinha: "Ao invés de proteger os ecossistemas costeiros, os manguezais, a floresta marinha ou atlântica, a Marinha joga toda sua força no programa nuclear paralelo, tendo até montado uma fábrica no interior paulista para fabri-

car reatores atômicos para submarinos e um reator capaz de fornecer aos paranóicos os cinco quilos de plutônio necessários à fabricação de bombas tão ou mais destrutivas que as de Hiroshima/Nagasaki".

Antes do encontro com Ulysses Guimarães, os integrantes da Frente Nacional de Ação Ecológica na Constituinte (informações através do telefone (011) 887-0559) desafiaram a própria segurança do Congresso, realizando uma passeata interna portando uma baleia, um filhote e uma flor (balões de gás) — o que só foi possível graças à participação maciça dos deputados constituintes. Não que oficialmente a baleia esteja ameaçada: a delegação brasileira que compareceu à última reunião da Comissão Internacional da Baleia, no Reino Unido, reafirmou a decisão governamental de manter suspensas todas as capturas comerciais na costa brasileira até 1990. Inclusive as supostas capturas "para fins científicos".

Como a atual moratória vence daqui a dois anos, e como o Japão (principal acionista da única empresa brasileira que mata baleias, no litoral da Paraíba) continua capturando 50 cachalotes e 825 baleias minkes por ano — desobedecendo a moratória mundial —, os cientistas e conservacionistas brasileiros preferem manter-se mobilizados. E acabaram a passeata fora do Congresso, mantendo sobre a cúpula da Câmara dos Deputados as gotas simbólicas de sangue. Afinal, por falta de patrulhamento marítimo, os pescadores catarinenses continuam atirando contra as baleias brancas — que pesam 30 toneladas e têm 13 metros de comprimento — que procuram as enseadas locais para acasalarem-se.